



<b>Veículo: O Liberal</b>		
<b>Data:</b> 19 e 20/11/2016	<b>Caderno:</b> Atualidades	<b>Página:</b> 42
<b>Assunto:</b> Profissionais		
<b>Tipo:</b> Notícia	<b>Ação:</b> Espontânea	<b>Classificação:</b> Positiva

# O LIBERAL atrai profissionais de talento

## ANOS 80 E 90

Nessas duas décadas, o jornal passa a contratar os formados pela UFPA

VALÉRIA NASCIMENTO  
Da Redação

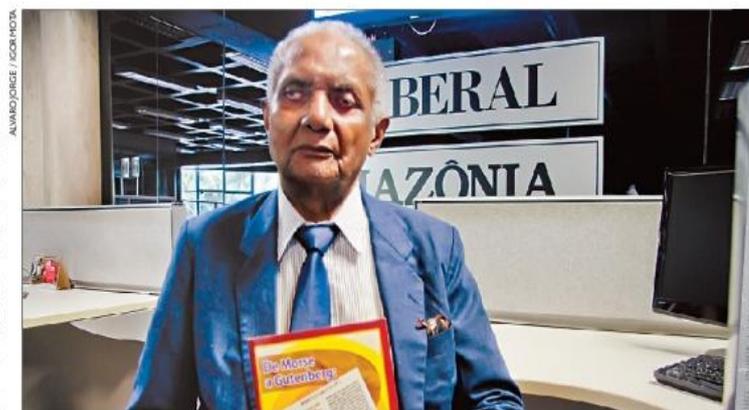
O LIBERAL surgiu 30 anos antes do curso de Comunicação Social (Jornalismo e Publicidade) da Universidade Federal do Pará (UFPA) - que em fevereiro passado completou 40 anos. O curso formou jornalistas e publicitários que se destacaram nas mais diversas áreas de atuação profissional no Estado do Pará, muitos com duradouras passagens pela redação de O LIBERAL, que ajudaram a tecer a trama da comunicação no Estado e na região amazônica, sobretudo entre as décadas de 80 e 90.

"O curso nasceu em 1976, numa década em que se deu um boom de crescimento dos cursos de Comunicação no país. Em 40 anos, formamos centenas de profissionais. Até o início da década passada éramos o único centro formador de jornalistas, por exemplo, no Estado. Não tenho dúvida de que os cursos de Jornalismo e Publicidade - não só o da UFPA, mas o da Unama e outros que vieram depois - contribuíram de forma decisiva para mudar o cenário do mercado de comunicação no Pará", avaliou Rosaly Brito, professora da Faculdade de Comunicação da UFPA, mestre em Comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo e doutora em Ciências Sociais pela UFPA.

À semelhança do que aconteceu em todo o Brasil, muitos paraenses ocupavam as redações ou um espaço no mundo do jornalismo, como "jornalistas autodidatas", consolidando sua profissionalização na prática



Nos anos 90, a redação de O LIBERAL já vivenciava as mudanças do mercado



O jornalista Álvaro Jorge era um dos repórteres do jornal entre 60 e 70

sem a formação acadêmica, até porque os cursos nem existiam. "Temos que ver que em 40 anos esse mercado mudou radicalmente também, não só aqui como em todo o País, o que passou a demandar cada vez mais investimentos e atualização dos centros formadores, mas seria impos-

sível prescindir deles. Quanto mais a comunicação se faz onipresente na vida social, mais imperioso é lutar para qualificar a atuação dos profissionais nesse espaço público contemporâneo representado pela imprensa", diz a doutora Rosaly. Jornalista e professora da Faculdade de Comunicação da UFPA desde 1983, Regina Alves foi uma das primeiras repórteres contratadas pelo pró-

prio Romulo Maiorana na virada da década de 60 para a de 70. Ela lembra que era recém-formada em Biblioteconomia e diz que entrou para o jornalismo pelas vias do coração.

"Eu tenho muita memória afetiva sobre tudo que vivi no jornalismo. Penso que fui muito feliz profissionalmente e pessoalmente nesta vida de jornalista. Aliás, eu comecei no

jornal do Paysandu. Aí, fui entrevistado o meu Romulo para o jornalzinho do clube, que era editado pelo jornalista Guilherme Barra. O Papão havia sido o campeão de 69 e ele era o novo presidente do time. Dias depois, o Guilherme me disse que seu Romulo havia gostado de meu texto e perguntou se eu não me interessaria em ir para

**Em períodos anteriores, a maioria deles era formada por autodidatas**

O LIBERAL. Na mesma ocasião, o 'lealzinho', o José Maria Leal Paes fez um convite para o Guilherme para eu ir para a Província do Pará, então o Barra foi o meu agente", lembrou Regina.

Dos tempos idos na redação de O LIBERAL, Regina lembra de muitos amigos e colegas queridos, a exemplo de Orly Bezerra; dos repórteres Alberto Queiroz, Álvaro Jorge e Dalvino Flores; da laboratorista Lucimar; da secretária de Romulo Maiorana, Helena Cardoso;

do telegrafista Espiridiano; do seu Nestor, da Oficina, do fotógrafo Pedro Pinto e de Waldir Botelho, esse último por quase 30 anos comandou a redação de O LIBERAL como editor-chefe, falecendo em julho do ano passado. "Todo mundo chamava o Dalvino de Mano Flores, porque ele chamava todo mundo de 'mano'. Inclusive, reza a lenda, que em entrevista uma vez com o arcebispo metropolitano de Belém, dom Alberto Ramos, ele começou a conversa assim: "Mano arcebispo, o senhor...", contou ela às gargalhadas.

"O Flores era um grande repórter. Ele fazia as perguntas que os outros não tinham coragem de fazer. Uma vez, essa eu vi. O ministro das Minas e Energia, Costa Cavalcanti, chegou no aeroporto de Belém e o Flores se meteu na frente dele: 'ministro, ministro, cadê os tantos milhões que o senhor prometeu para a macrodrenagem, prometeu para a Prefeitura?'. Era





a pergunta que não queria calar e o Flores fazia na cara dura”, contou a jornalista. “Ela era uma figura incrível. E ele gostava de mim. Às vezes, chegava comigo e dizia ‘mana Regina’ dê uma guaribada no meu texto e eu revisava sem problema. Ele admitia que tinha dificuldade com o texto e pedia para eu cortar, gostava de mim porque nunca impliquei sobre isso”.

Regina lembra da força da organização dos gráficos, que conseguiam resolver suas demandas na redação de forma direta. Os jornalistas ainda estavam se organizando. Ela conta que presenciou a mudança de publicação do jornal quando ele passou a circular diariamente. “Eu estava lá quando se imprimiu o jornal diário. O chefe de reportagem Walter Guimarães nos dividiu em duas turmas. Uma trabalhava aos sábados e outra, aos domingos. Uma novidade. Com isso, o Malato (Eládio Malato, secretário de redação) passou a apelidar as equipes com o nome de dois grupos revolucionários da época. Os Montañeros (argentinos) e os Tupamaros (uruguaio). O Walter pegava um monte de matéria datilografada num papel de retranca. E numa folha à parte, tinha os títulos dados pelos repórteres, já matematicamente calculados. Tinha então o 3 de 11, o que era isso? Três linhas com 11 batidas, cada. Era um saco! Três de 10; 2 de 20; 2 de 25. Tinha manchete também. Então a gente era preso naquele limite”, recorda Regina a época de um fazer jornalístico nem tão distante assim, mas bem diferente dos dias de hoje.